



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
KARIN HELENA ANTUNES DE MORAES

OS CAMINHOS DO GRANDE IRMÃO: DE ÓRGÃO REPRESSOR A ASTRO DE TV

Palhoça
2007

KARIN HELENA ANTUNES DE MORAES

OS CAMINHOS DO GRANDE IRMÃO: DE ÓRGÃO REPRESSOR A ASTRO DE TV

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Hoffmann Wolff

Palhoça

2007

Dedico este trabalho a meus pais pela
confiança em mim depositada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, sobretudo meus pais Volni e Maria Helena, que não mediram esforços para que eu pudesse concluir meu curso. Aos meus irmãos Volni Junior e Liziane Kadine, pelo apoio e pelos conflitos que me fizeram amadurecer e também à minha cunhada Tatiana.

Agradeço também o respaldo e a paciência de meu orientador Joca Wolff, os conselhos e o apoio do professor Carlos Guilherme Hunninghausen, aos meus companheiros quixotescos que contribuíram imensamente com minha formação e souberam compreender meus silêncios e meu temperamento difícil: Mariana Vieira, Fabiana Turci, Guilherme Güttler de Oliveira, Daniel Mendonça e Luiz Henrique de Nadal. Não posso deixar de reconhecer também, a amizade e o carinho de Raquel Pallas Wisbeck e Tiago de Oliveira, pessoas incríveis que fazem de nosso trabalho uma grande diversão, além de sete pessoas maravilhosas que me ensinaram muito mais do que podem imaginar (embora eu ainda não saiba jogar vôlei) e que me fizeram suportar estes quatro anos em Florianópolis.

RESUMO

O reality show é um gênero televisivo que vem se expandindo em todo o mundo. No Brasil, um dos programas de maior sucesso de audiência é o Big Brother Brasil produzido na Holanda em 1999 pela Endemol. O programa consiste em confinar em uma casa luxuosa e vigiada por câmeras 24 horas por dia, um determinado número de pessoas (a primeira edição contou com 12 participantes passando para 14 na terceira e 16 na sétima) que não se conhecem e não são conhecidas do grande público. A cada semana dois participantes se enfrentam no “paredão”, o mais votado pelo público deixa a disputa pelo prêmio de R\$ 1 milhão de reais. O vencedor sai do último “paredão” onde o público vota em quem deve ser o ganhador.

O trabalho aborda a apropriação do nome Big Brother (Grande Irmão) criado em 1948 pelo escritor inglês George Orwell em seu clássico *1984* que se constitui em um marco da literatura política mundial.

Palavras-chave: Reality Show. Big Brother Brasil. Endemol. Câmeras. Grande Irmão. George Orwell. 1984.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A TENSÃO INVADE O MUNDO.....	3
1.1 Todo poder aos soviets ou a Stalin?.....	5
1.2 A sociedade de controle.....	8
CAPÍTULO II – NASCE O GRANDE IRMÃO.....	10
CAPÍTULO III – BIG BROTHER BRASIL: O CONTO DE PEDRO BIAL.....	21
CAPÍTULO IV – O QUE SOBROU DO CARRASCO?.....	30
CONCLUSÃO -	36
REFERÊNCIAS -	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu primeiramente, de uma grande perturbação causada quando do surgimento de um novo programa na televisão brasileira sobre o qual muito se discutiu antes, durante e depois de seu lançamento. O programa em questão é o Big Brother Brasil, que passou a ser exibido pela Rede Globo em 2002. O nome “Big Brother” foi o que mais me chamou atenção, pois, anos antes havia lido pela primeira vez o livro *1984* de George Orwell, onde o autor cria um personagem sombrio e tirano, responsável por controlar tudo o que ocorre no megabloco da Oceania, onde se passa o romance. O nome do controlador: Grande Irmão ou Big Brother em sua versão original do inglês.

Meu desconforto cresceu vertiginosamente. Não se falava em outra coisa que não o tal programa. Não é de se surpreender, uma vez que estava em uma cidade de 17 mil habitantes que há exemplo de várias outras no país, não possuem cinemas, teatros, bibliotecas ou mesmo opções diversificadas de canais abertos na televisão. Procurei compreender aquilo que se passava com as pessoas dentro daquela casa monitorada e com o público que assistia a tudo do lado de fora, mas naquele momento minha incredulidade ante ao cenário bizarro – que a mim remetia ao pão e circo romano – não me fez perceber tudo aquilo que permeava tal gênero televisivo. Além disso, me faltava o mais importante: embasamento teórico.

Ao adentrar na faculdade discussões acerca deste tipo de programa vinham à tona, enquanto o Big Brother Global estava cada vez mais fortalecido. A cada ano uma nova edição se iniciava trazendo novos indivíduos que repetiam tudo aquilo que os anteriores já haviam feito: brigado, chorado, namorando. A fórmula repetitiva continuava a arrebatar milhares de atentos e participativos telespectadores que quando conclamados pelo apresentador da atração votavam e pagavam por seu voto, contribuindo assim para a manutenção do lucrativo jogo. Máquina que continua funcionando com o término do programa quando seus participantes ditam tendências e se transformam em celebridades festejadas pela mídia.

Embora com aporte teórico e o auxílio de alguns professores dispostos a estudar a temática, minha antipatia pelo programa continuou no decorrer dos quatro anos de graduação. Todavia, já não me portava de maneira indiferente ao fenômeno. Por vezes refleti sobre os motivos que levaram uma produtora de TV a lançar um programa cujo objetivo era confinar

pessoas que não se conheciam e fazê-las conviver por um determinado período sem ter contato com as notícias externas.

Ao refletir sobre um tema para a monografia várias coisas me passaram pela cabeça, mas com um empurrãozinho de meu orientador me decidi por trabalhar o reality show. Ao longo do trabalho novas informações e novas teorias vinham somar em meu texto que aos poucos foi tomando forma. Esta monografia não se constitui em uma análise aprofundada do programa Big Brother Brasil. Ela se revela um olhar – com muitas lentes – sobre a metamorfose sofrida pelo personagem criado por George Orwell em seu livro *1984*.

Sendo assim, a dividi em quatro capítulos que trabalham lado a lado com as teorias de Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* (1997). O primeiro momento faz uma retrospectiva sobre o panorama mundial nas primeiras décadas do século XX, principalmente a luta ideológica entre capitalismo e socialismo, luta esta, que serve de ponto partida para a abordagem do segundo capítulo no qual trabalho o descontentamento de George Orwell com todas as correntes ideológicas e principalmente sua decepção com o comunismo soviético. É neste clima de desilusão e sob a égide do “espetacular concentrado” de Debord (1997), que pela primeira vez se ouve falar em Grande Irmão.

O terceiro capítulo entra no “espetacular difuso” com a falsa idéia de liberdade de pensamento e de morte dos “grandes cerceadores”. É nesse contexto, que surge em 1999, na Holanda um dos reality shows de maior audiência no mundo: o Big Brother, que não tarda em se espalhar para outros países. E por fim estabeleço um comparativo entre as versões literária e televisiva: que sinais do perverso personagem de Orwell permanecem no novo modelo, trabalhando sob a ótica de “espetacular integrado” assim como os anteriores também estudo por Debord (1997).

A TENSÃO INVADE O MUNDO

O início do século XX foi marcado por uma série de crises econômicas, políticas e ideológicas. Em 1905, a Rússia ameaçava uma revolução socialista que acabou sendo dissolvida, embora tenha se mostrado fundamental para a organização dos trabalhadores nos chamados soviets (conselhos de operários), instituição esta que foi decisiva no movimento vitorioso de 1917.

O enfraquecimento econômico do pós-guerra, as tentativas de golpe (tanto de direita quanto de esquerda) e as inúmeras greves formam o cenário europeu das primeiras décadas do século passado. Cenário este, altamente favorável ao surgimento de partidos radicais e grupos armados como o Partido Nacional (PNF), na Itália e o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP).

A ascensão das idéias nazi-fascistas se deve à falta de perspectivas de grande parte da população que acabou por depositar em líderes como Antônio de Oliveira Salazar, Francisco Franco, Benito Mussolini e Adolf Hitler as esperanças de um renascimento econômico e a recuperação da auto-estima nacional. Ao analisar o “mito do nazismo” os autores Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy afirmam:

Como todo nacionalismo, o nazismo tomou da tradição que ele fez sua, a tradição alemã, um certo número de elementos simbólicos, entre os quais os elementos propriamente mitológicos não são os únicos nem provavelmente os mais importantes. Em outras palavras, como todo nacionalismo, o nazismo exaltou de um modo passadista a tradição histórico-cultural alemã ou mais largamente germânica ou que poderia tentar anexar a um germanismo.
(LABARTHE-LACOUÉ; NANCY, 2002, p. 20).

O que fica claro aqui é a exploração acerca de valores simbólicos que de certa forma, tornaram-se comuns a toda população que esboçava pouca tentativa de contestação e acabou por absorver todo o arsenal ideológico desses movimentos. Em outra passagem os autores afirmam:

Trata-se de uma sobreposição, freqüentemente confusa, de evidências (ao menos apresentada como tais) e de certezas repetidas de modo infatigável.
Martela-se uma idéia, coloca-se na sua base tudo o que parece poder lhe convir, sem fazer análises, sem discutir objeções, sem dar referências. Não há nem saber a estabelecer, nem pensamento a conquistar. Há apenas uma verdade a declarar, já conquistada, totalmente disponível. Já nesse plano em suma, lança-se mão implicitamente não de um *logos*, mas de uma espécie de enunciação mítica, que, no

entanto não é poética, mas que busca toda sua energia na potência nua e imperiosa da própria afirmação.
(Ibidem, p. 48).

No entanto existem autores que discordam de uma possível “tapeação” por parte do NSDAP. Vizentini (1996, p. 18) afirma que “a propaganda realizada pelo partido cercada por elementos simbólicos é uma propaganda autêntica, pois refletia o conservadorismo de boa parte da sociedade alemã, fortalecido ainda mais com a crise”.

Todavia, existiam focos de resistência. Socialdemocratas, comunistas, religiosos e intelectuais faziam frente à ascensão do totalitarismo, tudo isso aliado ao fortalecimento dos sindicatos (a exemplo dos soviéticos russos) devido à formação das sociedades de massa e dos benefícios que tais associações recebiam dos dirigentes que temiam levantes socialistas.

A direita internacional e setores como a burguesia industrial e a polícia davam apoio a Adolf Hitler, embora não compactuassem com sua ideologia. O que importava a eles era um governo ditatorial apoiado pelo povo.

É importante destacar a participação e a perseguição a intelectuais. Alguns resistiram diretamente como o escritor George Orwell que lutou contra o golpe de direita do general Francisco Franco na Espanha, país que viu um dos maiores poetas do século passado – Federico Garcia Lorca – ser fuzilado em Granada. Ainda da Espanha vem o painel *Guernica*, de Pablo Picasso. O quadro pintado em Paris em 1937 retrata o horror e a incredulidade de Picasso ante o bombardeio que atingiu a então capital basca, Guernica, fato que deu início à Guerra Civil Espanhola. Sobre este conflito Luiz G. Fagundes Vizentini escreveu:

A Guerra Civil Espanhola constituirá um dos exemplos das misérias e grandezas da época. A luta escarniçada entre espanhóis envolveu outros povos, para os quais tratava-se de uma luta entre o fascismo e a democracia. A República recebe apoio material da URSS e a Internacional Comunista organiza os voluntários nas Brigadas Internacionais (15 mil aproximadamente). Franco é apoiado pela legião Condor alemã (10 mil soldados) com aviação e blindados modernos, pelo Corpo Expedicionário Italiano (120 mil soldados), além de fascistas de vários países (algumas centenas). Houve combates de brigadistas alemães e italianos contra seus conterrâneos da Legião e do Corpo Expedicionário. Além disso, Franco recebe apoio estratégico de Portugal, petróleo dos Estados Unidos e é favorecido pela política anglo-francesa de não-intervenção (que só era efetiva contra a República), num jogo duplo que visava a derrota da República. Apesar da vitória franquista em março de 1939, o conflito mostrara a importância da resistência ao avanço político e militar do fascismo.
(VIZENTINI, 1996, p 27, 28).

A Alemanha montou uma grande rede de caça aos seus intelectuais. Pensadores da Escola de Frankfurt como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, por serem de origem judaica ou possuírem tendências socialistas, ou até mesmo os dois, viram-se obrigados a migrar para outros países. Horkheimer e Adorno receberam convites de instituições estadunidenses para lecionar. Benjamin preferiu suicidar-se a ter de se entregar aos nazistas. Pintores modernistas como Vassily Kandinsky, Paul Klee, Otto Dix, George Groazs entre outros foram duramente acossados. Por beberem da mesma fonte do expressionismo que preconizava o sentimento e também por retratar uma Alemanha sombria e desfigurada os modernistas eram aos olhos do partido nazista, um mal a ser combatido. Sobre os artistas modernistas Hitler falou: “Se cada coisa a que deram à luz, foi resultado de uma experiência interior, então eles são um perigo público e devem ficar sob supervisão médica (...) se era pura especulação, então deviam estar numa instituição apropriada para o engano e a fraude”.¹

Em meio a tudo isso, há também a forte crise que abalou o capitalismo ocidental. A indústria que produzia em série e em quantidades cada vez maiores foi abalada pela pouca absorção de seus produtos. Ocorreram inúmeras demissões que acarretaram o empobrecimento da população. A quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 é o grande marco da crise capitalista.

1.1 Todo poder aos soviets² ou a Stalin?

Irei me deter agora de maneira especial à Revolução Russa, pois é o conflito que maior influência exerce sobre este trabalho, por conta da ideologia, engajamento e mais tarde, da revolta de George Orwell - o criador do Grande Irmão —; sobre o qual discorrerei mais adiante.

Segundo Alan Wood a Revolução Russa é o fato histórico mais importante do século XX, os desdobramentos das mudanças ocorridas no ocidente refletiram direta ou indiretamente em todos os outros países do mundo. A chegada dos revolucionários socialistas ao poder deixou o mundo capitalista atento. Enquanto o sistema capitalista sofria o auge de seu desgaste, a URSS

¹ Ver na página: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2007/04/08/000.htm>

² Lema defendido por Lênin.

lançava seu primeiro plano quinquenal e ainda no fim dos anos vinte lançava o plano de coletivização da agricultura. Embora sofrendo com o embargo comercial imposto por outros países implantou com recursos próprios a indústria fortalecendo assim sua base econômica.

Há também um forte descontentamento com relação à guerra. A população já estava cansada do conflito e uma ordem baixada pelo Soviete de Petrogrado dava o direito de recusa do cidadão em combater, o que acarretou uma série de deserções.

Os bolcheviques³ adotam uma posição ambígua com relação à reunificação com o mencheviques⁴, embora estivessem satisfeitos com a queda da monarquia. Nos partidos o clima também era de incertezas sobre que atitude tomar. Alguns dos bolcheviques encontravam-se satisfeitos com a revolução burguesa.

O quadro começa a se alterar quando Lênin retorna de seu exílio na Suíça e conclama a população a lutar por uma revolução socialista internacional. Desde 1905 – na primeira tentativa de revolução – Lênin defendia “o estabelecimento de uma ditadura democrática e revolucionária do proletariado e do campesinato pobre”, além da transformação da revolução-burguesa em um levante proletário sob o lema “Todo o poder aos Sovietes”. Todavia, sua opinião sobre os Sovietes era imprecisa. Se por um lado, eles representavam a classe trabalhadora com toda sua espontaneidade – fator este, que o deixava receoso –; por outro, pareciam ter atingido maturidade e um alto grau de representatividade junto aos operários, constituindo-se assim em peças fundamentais para a sonhada revolução proletário-socialista. Lênin continua a defender a idéia de guerras revolucionárias que eclodiriam nos países em guerra transformando assim a guerra imperialista em uma revolução internacional que tomaria conta da Europa.

Tempos depois Lênin foi acusado de ser um agente alemão e sua prisão foi decretada. Os bolcheviques foram culpados pela desordem e pelo desastre na ação militar. Houve uma caçada aos movimentos revolucionários que resultou no fechamento da imprensa bolchevique e em uma série de prisões. Entre os presos estava Leon Trotsky, que sempre fora considerado um independente, mas que desde que retornara do exterior declarara seu apoio à causa bolchevique. Lênin conseguira fugir.

O governo de Alexandre Kerenski mostra-se impotente ou indiferente aos problemas que afligiam a população como a quebra da indústria, o alto índice de inflação, a guerra e o

³ Pertencentes à maioria; membro da facção de “linha dura” comandada por Lênin dentro do Partido Trabalhista Socialdemocrata Russo. (Wood, Alan, 1991).

⁴ Pertencente à minoria; membro da facção moderada e antibolchevique do Partido Socialdemocrata Russo. (Ibidem).

problema agrário. Para a massa, a esperança estava nos bolcheviques que prometiam “paz, pão e terra”.

Depois de ser solto, Trotsky assumiu um papel importante: o de presidente do Soviete de Petrogrado. Lênin permanecia escondido e por isso desenvolveu um papel menor nas ações revolucionárias que antecederam a revolução.

No decorrer de oito meses a Rússia passou de um extremo a outro. De uma monarquia absolutista a uma república revolucionária comandada por Lênin que se dedicava às idéias marxistas e ao estabelecimento de um socialismo internacional e que chegou ao poder através de uma revolução. Porém, a luta dos bolcheviques estava apenas começando. O conflito com a Alemanha continuava, o partido era ainda muito pequeno, e parte da população se opunha às suas idéias ou simplesmente os ignorava. Como se não bastasse, tem início na Rússia uma sangrenta Guerra Civil que dizimou centenas de pessoas.

Houve ainda problemas internos. Após a morte de Lênin em 1924 inicia-se uma luta entre Trotsky e Stalin. Trotsky defende a revolução permanente e sua expansão para outros países, segundo ele o socialismo não tinha condições de sobreviver em isolamento. Stalin por sua vez, queria que o modelo socialista fortalecesse sua base na Rússia. Stalin assume o poder e inicia uma política ditatorial. Em 1925 Trotsky é proibido de falar em público e quatro anos mais tarde é expulso da Rússia por ordem de Stalin. Exilou-se em vários países antes de por fim chegar ao México. O ditador promove na agora União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) uma política de perseguição à oposição que atingiu o ápice com o assassinato de Trotsky no México a mando de Stalin.

Hoje se sabe que o modelo implantado na Rússia não resolveu os problemas da população. A ideologia socialista pregando a igualdade entre classes arrebanhou uma série de pessoas engajadas na diminuição da distância entre as classes. Os desentendimentos e as ações extremistas do governo soviético levaram muitos dos seguidores a repensar o sistema uma vez que ele revelara-se tão atroz quanto aquele que o socialismo procurava derrubar. Uma passagem do romance *O Senhor Embaixador*, de Erico Veríssimo (1965, p. 203), ilustra bem tal incredulidade de antigos esquerdistas como George Orwell: “Eles queriam libertar seu povo da tirania, estabelecer a justiça social... No entanto vê minha querida, o que eles são agora (...) Será que tudo se deteriora com o tempo? Tudo?”.

1.2 A sociedade de controle

Gilles Deleuze (1972, 1990) assinala o fim da Segunda Guerra Mundial como um divisor de águas, um momento de transição. Para ele, “sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser”.⁵ A sociedade disciplinar, amplamente estudada pelo francês Michel Foucault, era um tipo organização que tinha por característica a manutenção da “ordem” em espaços fechados. Para Foucault, a sociedade disciplinar era um meio de clausura, o homem estava sempre passando de um sistema fechado a outro: a família, a escola a fábrica etc. Diz Foucault:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. A ordem responde à peste; ela tem função desfazer todas as confusões: a da doença que se transmite quando os corpos se misturam; a do mal que se multiplica quando o medo e a morte desfazem as proibições. Ela prescreve a cada um seu lugar, a cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte, a cada um seu bem, por meio de um poder onipresente e onisciente que se subdivide ele mesmo de maneira regular e ininterrupta até a determinação final do indivíduo, do que o caracteriza, do que lhe pertence, o do que lhe acontece.
(FOUCAULT, Michel, 1996, p. 174, 175).

Foucault se refere especificamente ao sistema implantado pelas autoridades quando a peste – doença que dizimou uma quantia considerável de pessoas – se estabelecia em uma cidade no final do século XVII. Segundo ele, a peste é a doença típica da sociedade disciplinar, pois exige o confinamento da população e uma série de medidas que deviam ser rigidamente seguidas sob pena de morte.

Porém, se já não pertencemos à sociedade disciplinar, que tipo de sociedade é a nossa? Deleuze diz que somos espécimes de uma sociedade de controle e o que diferencia um tipo de sistema e outro é a ausência da estrutura formal e fechada das sociedades disciplinares. Não é mais necessário que se ameace de morte àqueles que não se adequam às regras. A sociedade de controle é regida pelo “politicamente correto”, pela diminuição dos espaços fechados e a multiplicação de câmeras em locais cada vez mais improváveis, pelos códigos de conduta e pela política de privacidade em sites que propagam o voyeurismo, contradição esta que

⁵ Ver na página: <http://netart.incubadora,fapesp.br/portal/midias/controle/pdf>

Orwell batizou de *duplipensar*⁶, termo que consiste em acreditar em duas coisas conflitantes entre si.

O nascimento deste novo tipo de sociedade não decreta a morte de seu modelo antecessor. Pelo contrário, a sociedade de controle vem para mostrar que a disciplina já é algo intrínseco ao ser humano ocidental. A sociedade de controle é uma espécie de Panóptico, um tanto alterado, é verdade, pois, segundo Foucault (1996, p. 178), Jeremy Bentham o criara com o intuito de ser visível e inverificável. “Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado”. No modelo atual os mecanismos de controle não são tão aparentes, mas os sinais de que eles estão em todas as partes são abundantes. Prova disto é a proliferação da simpática placa: “Sorria, você está sendo filmado”.

Vale ressaltar a alienação que toma conta dos filhos da sociedade de controle. A sociedade atual parece viver em um constante estado de inércia. O pensador francês Guy Debord que coloca-nos ainda em uma “sociedade do espetáculo”, onde além do ritmo acelerado sobre o qual trabalha Zygmunt Bauman (1998) há o tom de supervalorização das ações e ao mesmo tempo de indiferença. Debord fala que:

À medida que a sociedade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono.
(DEBORD, Guy, 1997, p. 19).

Não há mais reflexão, não se questiona os motivos de se falar sobre determinadas temáticas, importa apenas que as coisas sejam ditas e mostradas, por vezes até de forma incessante. A contemplação de imagens vazias de conteúdo transporta o indivíduo diretamente ao novo fenômeno televisivo: o reality show. Programa genuíno da sociedade de controle – e também da do espetáculo –; que além de manter os participantes constantemente vigiados por um forte aparato de câmeras e microfones, contribui para que a população permaneça contemplativa, tendo a falsa idéia de participação nos rumos do programa que fortalece esta crença, quando freqüentemente convida o espectador a interagir, seja votando ou simplesmente espiando⁷.

⁶ ORWELL, George (1983).

⁷ Palavra utilizada pelo apresentador do programa, Pedro Bial, quando este convida o público a ver o que se passa na casa.

NASCE O GRANDE IRMÃO

Como já fora mencionado no capítulo anterior, o escritor George Orwell dedicou parte de sua vida ao combate de ideologias totalitárias, sobretudo as de cunho nazi-fascista. Primeiramente lutando na Guerra Civil Espanhola em 1936 contra a ditadura de Francisco Franco e depois, quando desiludido com o sistema socialista passa a voltar sua obra literária para a crítica a este tipo de modelo. Para Timothy Garton Ash (2001), professor de Estudos Europeus na Universidade de Oxford, nos Estados Unidos, três fatores pessoais levaram Orwell a descrever o sistema totalitário de maneira tão realista, embora todo o seu conhecimento sobre o sistema comunista russo provenha de suas leituras. O primeiro deles foi o processo de formação de Orwell como policial imperial britânico na Birmânia, onde ele foi funcionário de um regime opressor por cinco anos. Ao criar ódio pelo imperialismo e fortalecer sua relutância a este sistema o escritor também desenvolve uma forte percepção do perfil psicológico de um opressor. O segundo proviria da vivência do escritor com os pobres da Inglaterra e da França com os quais conheceu a humilhante falta de liberdade que a pobreza proporciona. Por último viria sua vivência direta no conflito ocorrido na Espanha, onde foi ferido por um tiro na garganta. Porém o que mais lhe impressionou e revoltou foi a difamação e a perseguição sofridas pelo Partido Operário de Unificação Marxista (Poum) por parte de comunistas, que deveriam ser aliados no combate a ditadura franquista. O agente russo na Espanha acusava os membros Poum de traidores trotskistas franquistas.⁸ Este fato levou George Orwell a compreender que a manutenção da supremacia pessoal pode se sobrepor a ideologias e vidas.

Seus dias na Espanha foram relatados no livro *Lutando na Espanha* (1937). Quando de seu lançamento a obra foi pouco repercutida. Antes de falecer em 1950, o autor deixou algumas anotações sobre possíveis alterações no texto e complementos como resenhas, depoimentos à imprensa e cartas. No Brasil, o livro com os complementos e alterações foi lançado em 2006. *Lutando na Espanha*, se constitui em uma importante obra para a percepção não somente dos fatos ocorridos na Espanha como também para a compreensão da mudança de posicionamento do escritor. Todavia, sua decepção com o comunismo é escancarada com a publicação de *A Revolução dos Bichos*, (1945), obra que se transformou num clássico da literatura mundial. O livro, carregado de alegorias, traça um paralelo com o que ocorreu antes,

⁸ Ver em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/14/2001070801.html>

durante e depois da Revolução Russa: a insatisfação que levou a tomada do poder pelos operários (no livro representados por porcos que se revoltam contra o dono da granja), a relação com os intelectuais e líderes do movimento como Karl Marx e Lênin que no livro aparecem personificados por Major, um porco velho e sábio que é quem propaga a idéia de revolução. Há também a cegueira e a corrupção causadas pelo poder (assim como ocorreu com Stalin) e a criação de um inimigo da revolução através de propagandas do governo (com relação à figura de Trotsky).

A *Revolução dos Bichos* gerou grande repercussão chegando a ser adaptado recentemente para o cinema⁹, mas foi com *1984*¹⁰ (livro escrito em 1948 e publicado pela primeira vez 1949), que George Orwell atingiu em cheio as bases do regime stalinista. Em um trecho da obra, ele diz:

Portanto, do ponto de vista dos novos grupos que estavam a pique de tomar o poder, a igualdade humana não era mais um ideal a atingir, era um perigo a evitar. Em épocas mais primitivas, quando de fato não era possível uma sociedade justa e pacífica, fora bem fácil acreditar nela. A idéia de um paraíso terreno em que os homens vivessem juntos num estado de fraternidade, sem leis nem trabalho brutal, incendiara durante milhares de anos a imaginação humana. E essa visão tinha certo fascínio mesmo sobre os grupos que realmente se beneficiaram de cada mudança histórica. Os herdeiros da revolução inglesa, francesa e americana haviam parcialmente acreditado nas suas próprias frases a respeito dos direitos do homem, liberdade de palavra, igualdade perante a lei, e quejandas, e até haviam permitido que sua conduta fosse por elas influenciadas, dentro de certos limites. Mas ao advir a quarta década do século vinte, eram autoritárias todas as principais correntes de pensamento político. O paraíso terreno se desacreditara no momento exato em que se tornara realizável. Cada nova teoria política, fosse qual fosse o seu rótulo, conduzia de novo à hierarquia e à regimentação. E no endurecimento geral das atitudes verificando por volta de 1930, práticas havia longo tempo abandonadas, em alguns casos durante séculos – prisões sem julgamento, uso de prisioneiros de guerra como escravos, execuções públicas, tortura para arrancar confissões, o uso de reféns e deportações de populações inteiras – não só voltaram a ser comuns como eram toleradas e até defendidas por pessoas que se consideravam esclarecidas e progressistas.
(ORWELL, George, 1983, p. 191, 192).

Fica claro nesta passagem o medo ante a ameaça socialista, medo este que agitou o mundo nas primeiras décadas do século XX, como já mencionado no primeiro capítulo. George Orwell ataca aqui a substituição do ideário socialista de sociedade mais justa pelo poder supremo de apenas uma pessoa, que gozaria de maiores vantagens e conforto que o restante do povo e que para assegurar o seu controle não exitaria em punir a população.

⁹ STEPHENSON, John. (1999).

¹⁰ O título é a inversão do ano em que a obra fora escrita.

A sede de poder e o “espetacular concentrado” de que se refere Debord (1997, p. 10) uma espécie de controle de pensamento e ações utilizado na Idade Média, pela monarquia e pela Igreja, que eram os detentores da verdade incontestável que regia o mundo e que voltou a tona nos regimes ditatoriais onde todas as manifestações deviam ser em benefício do governante que “zelava” para o bem-estar da população.

Os regimes totalitários utilizaram-se em larga escala da violência como forma de punir seus opositores. Na década de 30, Stalin fechou o cerco aos inimigos do regime, e na mesma década fortaleceram-se estados ditatoriais na Espanha, Portugal e inclusive no Brasil com a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas. Neste período a humanidade viu Adolf Hitler e Benito Mussolini se consolidarem como estadistas, testemunhando as agressões físicas e psicológicas causadas por estes regimes. No Brasil, se sabe da barbárie cometida pelos órgãos repressores da ditadura Vargas, se sabe da série de fuzilamentos ocorridos em regimes semelhantes em diversos países, do saldo de mortos e “desaparecidos” que tais regimes deixaram, uma marca absurda que reflete as atrocidades que foram cometidas no período de ascensão totalitária.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman que há anos estuda o fenômeno social, principalmente a sociedade atual, a qual se refere como “modernidade líquida”, mais ágil, uma transição da “modernidade sólida” lenta e pesada ou simplesmente, pós-modernidade. Na pós-modernidade tudo acontece com muito dinamismo, há uma aceleração do tempo e tudo gira em torno do consumo excessivo e desnecessário. Em sua obra *O mal-estar da pós-modernidade* (1998), o sociólogo faz um resgate das agressões e da negação da vida pessoal do indivíduo e para estabelecer esta conexão se utiliza de George Orwell e 1984:

O mais opressivo dos pesadelos que assombraram o nosso século, notório por seus horrores e terrores, por seus feitos sangrentos e tristes premonições, foi bem captado na memorável imagem de George Orwell da bota de cano alto pisando uma face humana. Nenhuma face estava segura – como cada uma estava sujeita a ser culpada do crime de violar ou transgredir. E uma vez que a humanidade tolera mal todo tempo de reclusão, os seres humanos que transgridem os limites se convertem em estranhos – cada um teve motivos para temer a bota de cano alto feita para pisar no pó a face do estranho, para espremer o estranho do humano e manter aqueles ainda não pisados, mas prestes a vir a sê-lo, longe do dano ilegal de cruzar as fronteiras.
(BAUMAN, Zygmunt, 1998, p.27, 28).

É partindo do pressuposto do estranho, da sujeira, que Bauman (1998) trabalha a pós-modernidade. O autor afirma que toda sociedade produz estranhos e cada qual de maneira única

definindo estas criaturas como pessoas que não se encaixam nos mapas das sociedades em que estão inseridas sejam estes mapas: cognitivos, morais ou estéticos. Para ele, à medida que traça seus mapas, a sociedade cria também os seus estranhos.

Na idade média os estranhos eram os hereges, os cientistas ou qualquer pessoa que questionasse as teorias da Igreja Católica. Estes preconceitos se prolongaram até o século XVIII como relata Foucault (1996), em *Vigiar e Punir*. Durante a Segunda Guerra os perseguidos foram os deficientes, os ciganos, os homossexuais, os judeus e outros grupos religiosos como as Testemunhas de Jeová, além de intelectuais e opositores do sistema.

Zigmunt Bauman (1998) diz que o que o nazismo e o comunismo primaram pela pureza de sua sociedade. O nazismo primou pela pureza da classe, já o comunismo pela pureza social. Nem um, nem outro obtiveram sucesso em seus intentos. A desigualdade permaneceu com a implantação do sistema comunista. Alguns funcionários do governo estavam em posição bem mais confortável que o restante da população, a eles não faltava gêneros básicos que muitas vezes eram controlados por cotas ou que não chegavam ao povo. Constatação esta também presente em *1984*, que além de criticar a estrutura do que prometia ser uma sociedade igualitária, aborda a transição de poder entre as classes provocando ao dizer:

O objetivo da Alta é ficar onde está. O da Média é trocar de lugar com a Alta. E o objetivo da Baixa, quando tem objetivo – pois é característica constante da Baixa viver tão esmagada pela monotonia do trabalho cotidiano que só intermitentemente tem consciência de que existe fora de sua vida – é abolir todas as distinções e criar uma sociedade em que todos sejam iguais.(ORWELL, George, 1983, p. 189).

Foi com o discurso da igualdade que os movimentos revolucionários se fortaleceram e tomaram o poder prometendo igualdade e justiça social. George Orwell esboça em seu romance o que seria a sociedade de Winston Smith, personagem central de *1984* – muito semelhante à nossa, por sinal: a base é formada pelos “proles” (massa), um pouco acima os membros do partido externo, seguidos pelos membros do partido interno e no ápice da pirâmide, acima de tudo e todos, está o Grande Irmão – no livro uma caricatura de Josef Stalin, mas que pode ser facilmente substituído por Adolf Hitler, Benito Mussolini, Francisco Franco, Antônio Salazar, e, por que não, pelos grandes empresários ou donos dos grandes impérios da comunicação? O Grande Irmão tudo sabe e tudo vê, é o ser imortal e infalível ao qual todos devem obediência e amor incondicional. Esta relação entre governo e população estabelecido pelos Grandes Irmãos do mundo é muito semelhante ao paternalismo de populistas como Getulio Vargas no Brasil e

Juan Domingo Perón na Argentina. Aqueles que não se submetem ao sistema são punidos – de forma semelhante aos castigos estudados por Foucault em *Vigiar e Punir* (1996) – por seus atos físicos ou psicologicamente, ou então, condenados ao isolamento e ao anonimato castigos insuportáveis ao ser humano e que parece ter adquirido dimensões ainda maiores na sociedade atual. O professor Wilson Roberto Vieira Ferreira (1997) adapta um axioma atribuído a Confúcio, para explicar o temor do homem ante ao anonimato:

O indivíduo parece sentir-se condenado ao anonimato, sem auto realização pública: plantar árvores é algo impensável num apartamento; escrever livros é quase impossível pela falta de tempo e de quem se arrisque a publicar, ter filhos é cada vez mais inviável, pensando numa paternidade/maternidade responsável.
(Ferreira, Wilson Roberto Vieira, 1997, p.138).

A falta de tempo, o confinamento do indivíduo em apartamentos e relações afetivas cada vez mais diluídas é o que Bauman (1998) define como a atmosfera da pós-modernidade. Para transpor o abismo do isolamento e do anonimato o homem procura ser visto e notado pelo restante da sociedade. O francês Pierre Bourdieu em seu livro *Sobre a Televisão* (1997), critica a postura de alguns filósofos e escritores ao se exporem na mídia, quando não se questionam os motivos desta exposição e completa ao citar que “ser dizia Bekley, é ‘ser percebido’. Para alguns de nossos filósofos (e escritores), ser é ser percebido na televisão”. O indivíduo pós-moderno, independente da profissão, busca esta percepção que se delineia como a única forma de resistir aos castigos (isolamento e anonimato).

George Orwell diz ainda que o socialismo é o último elo de uma corrente de pensamento ligada aos escravos do passado que defendiam a utopia de igualdade, mas com o decorrer do tempo o conceito de liberdade que a doutrina pregava foi sendo substituída pela privação e a desigualdade. A coletivização das propriedades rurais promovidas pelo governo soviético é duramente criticada. O autor a coloca como “única base segura para defender a oligarquia”¹¹, revelando a contradição em que tal doutrina caiu quando por fim foi colocada em prática: o que seria um sistema igualitário acabou por se tornar mais um modo de exclusão colocando as propriedades em poder de um número muito menor de pessoas e cabendo ao governo controlar e distribuir da maneira que melhor lhe convinha. O autor atenta ainda para a falta de oposição que os governos tiveram, ou porque a oposição foi dissolvida ou se calou seguindo o que diz a teoria da *espiral do silêncio*, fenômeno estudado pela alemã Elizabeth

¹¹ ORWELL, George (1983).

Noelle-Neumann a partir de 1972 quando a pesquisadora passou a se interessar pelo poder que a mídia exerce sobre a opinião pública. Para a pesquisadora o centro de sua hipótese está no fato das pessoas perceberem aquilo que ela denomina como *clima de opinião* que é quando o indivíduo percebe ou imagina que a maior parte das pessoas possuem um posicionamento diferente ao seu. Em um primeiro momento o indivíduo se cala e posteriormente muda de posição (mesmo que apenas verbalmente) acreditando pertencer ao maior grupo.

Segundo Zygmunt Bauman (1998) a contemporaneidade é um fluxo contínuo de situações ocorridas em tempos anteriores, por este motivo a manutenção do passado é fundamental para a compreensão da atualidade, servindo como base comparativa entre os períodos. Por este motivo, os governos ditatoriais buscaram esconder ou até mesmo alterar os acontecimentos antecedentes. O livro de Orwell trabalha com a constante alteração do passado realizada pelo *Ministério da Verdade* que zelava para que o Grande Irmão continuasse com sua aura de onipotência e para que as pessoas se convencessem de que viviam em uma sociedade melhor e mais igualitária que a de outrora. A contrafação realizada pelo ministério e a inquietação de Winston Smith são visíveis nesta passagem:

Onde, porém existia esse conhecimento? Apenas na sua consciência, o que em todo caso devia ser logo aniquilado. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido – se todos os anais dissessem a mesma coisa – então a mentira se transformava em história, em verdade. “Quem controla o passado”, dizia o lema do Partido, “controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado”. E no entanto o passado conquanto de natureza alterável, nunca fora alterado. O que agora era verdade era verdade do sempre. Era bem simples. Bastava apenas uma série infinda de vitórias sobre a memória. “Controle de realidade”, chamava-se.
(ORWELL, George, 1983, p. 36).

É inquestionável a veracidade do lema do Partido. Pessoas que desconhecem seu passado e seu presente são facilmente ludibriadas por quem quer que seja com relação ao futuro. E o autor (Orwell, 1983, p. 192) dispara contra a imprensa, dizendo que “a invenção da imprensa, tornou mais fácil manipular a opinião pública, processo que o filme e o rádio levaram além”. Todavia, a manipulação não é privilégio do regime ditatorial. Por mais irônico que pareça, a ditadura se revela menos nebulosa que a democracia. Seu objetivo é claro: propagar e elevar os feitos do governo difamando, se necessário for, todos aqueles que possam constituir um risco para sua administração. Por sua vez, nos regimes democráticos não se especifica que interesses e que grupos precisam ser defendidos. E, pior que isso, a população acredita viver em um regime

aberto e livre de cerceamentos e de protecionismo aos interesses de quem quer que seja. Isto se revela no que Guy Debord (1997) chama de “espetacular difuso”.

A simples seleção de notícias e a escolha do enfoque que será dado a determinado acontecimento ou pseudo-acontecimento pode ser encarada como um controle de realidade exercido pela imprensa. A maioria dos veículos de comunicação se autoclassificam como um espaço imparcial e comprometido com a verdade dos fatos.

O Senhor Embaixador (1965), de Erico Verissimo é um dos mais importantes romances políticos do país e que estabelece uma ponte entre as ditaduras de esquerda e direita da América Latina e 1984 com a crítica orwelliana¹² contra todas as formas de totalitarismo. George Orwell se utiliza de fictícios megablocos que dividiam o mundo. São três: Eurásia formada pelos países do ocidente europeu, com exceção da Inglaterra, a Lestásia formada pela China e demais países asiáticos e a Oceania, que forma o maior dos blocos em extensão, compreendendo as Américas, parte da África e todas as ilhas do Atlântico. Verissimo, desenvolve um enredo acerca dos desdobramentos políticos em uma ilha fictícia situada na América Central, antes e depois da revolução que levou um ditador socialista ao poder – qualquer analogia à revolução cubana, não é pura coincidência – e seus reflexos na população do país. O escritor se utiliza dos mais variados personagens na construção da narrativa, entre os quais o correspondente estadunidense Willian B. Godkin que em um de seus primeiros diálogos atenta para o seguinte:

Quando eu tinha a idade desse moço orgulhava-me de possuir a qualidade essencial do repórter: a de só noticiar fatos. Hoje na adolescência da velhice (pois vocês não ignoram que percorro com certa relutância a derradeira milha que me separa dos sessenta) começo a ter dúvidas (...) Isso a que chamamos *fato* não será uma espécie de *iceberg*, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo do seu todo? Porque a parte invisível do *fato* está submersa nas águas de um tórvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos que os do mar. (...). Ao desintegrarem o átomo, os cientistas de nosso século desintegraram também a semântica e até a ética. Quem é que sabe hoje com certeza absoluta o sentido de palavras que usamos com tão leviana freqüência como *liberdade*, *paz*, *direito* e *justiça*? Quanto ao palavrão *verdade*... que bicho é esse? Quantas verdades existem no mundo de nossos dias? Conheço tantas... A da Casa Branca. A do Kremlin. A do Vaticano. A da Wall Street. A da Broadway. A da United States Steel Corporation. A da A.F.L. Sim e convém não esquecer a da Madison Avenue, talvez a mais fantástica de todas. (...). Pertencço a uma era em que os correspondentes escreviam sobre acontecimentos. Vocês modernos querem competir com Deus Nosso Senhor. Não só procuram dar hoje as notícias de amanhã como também se avocam o direito de, na falta de notícias, criarem acontecimentos para depois escreverem sobre eles!

(VERISSIMO, Erico, 1965, p. 3, 4).

¹² Referente a George Orwell.

O fragmento exemplifica o papel de controlador de realidade que os jornalistas e os veículos de comunicação exercem fortalecidos pela sonolência de que fala Debord (1997). O *Senhor Embaixador*, lançado um ano após o golpe militar enfureceu o governo por suas crítica mordaz. Se por um lado, Erico Veríssimo condenava os regimes de esquerda, por outro, não deixava incólume o sistema capitalista que se revelou nas páginas da obra algo tão obscuro e nefasto quanto o “mal”¹³ que procurava combater.

Com a mesma intensidade que se combate o conhecimento do passado, se combate o diferente, o estrangeiro. Tanto em sociedades democráticas como nas ditatoriais existe o protecionismo e o ufanismo com relação ao sistema, ao país, ao estado. Renega-se o “de fora”, atribuindo-lhe a qualidade de desagregador perigoso, de mal a ser afastado. O ser humano teme o diferente por acreditar que a qualidade de vida e a segurança estão na rotina, como diz Bauman (1998), a “perfeição” está em manter as coisas imutáveis aprendendo coisas que jamais serão alteradas como a *novilíngua*¹⁴ de 1984, termo criado por George Orwell para designar o idioma oficial do megabloco Oceania, onde se passa a história. A *novilíngua* seria uma adaptação do inglês utilizado pelos membros do partido interno. O governo trabalhava para que o inglês fosse totalmente substituído por este novo idioma. Com isso, haveria uma redução do número de palavras utilizadas. Algumas como “ciência” seriam extintas. Havendo um número menor de palavras haveria uma maior facilidade para que o governo exercesse o controle sobre os indivíduos. As interpretações seriam suprimidas e o *duplipensar* seria absorvido mais rapidamente. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (1998), o homem deseja que tudo permaneça estanque e livre de surpresas desagradáveis. O medo do diferente leva à alienação que pode alimentar também o preconceito e o ódio – a grupos étnicos, estrangeiros, homossexuais – seguindo o exemplo dos déspotas e dos “Grandes Irmãos” espalhados pelo mundo.

Repetidas vezes em 1984 surge a frase “se há esperança, está nos ‘proles’”. Os chamados proles são a massa, a base da pirâmide hierárquica que sustenta o sistema. A esperança é a vontade de mudança, a expectativa de que o Grande Irmão caia de seu pedestal inatingível e que com isso se alcance a igualdade e ausência de poder defendidas pelas correntes socialista e anarquista. Os proles de Orwell são tratados com o mesmo descaso de nossa grande população.

¹³ Socialismo.

¹⁴ Idioma oficial do megabloco da Oceania. Era incentivada pelo partido para que substituísse o inglês como língua corrente. Tinha por objetivo reduzir ao máximo o número de palavras e de mantê-las inalteráveis com o passar dos anos.

Eles eram de certo modo poupados do controle das teletelas¹⁵, viviam em locais sujos e escuros – semelhantes aos bolsões de pobreza de nossa sociedade – eram acionados apenas quando necessário, como para indicar a aprovação sobre a guerra, muito semelhante ao que ocorre hoje quando uma nova eleição se aproxima. De uma maneira geral, estavam abandonados e livres da constante vigília dos atentos olhos do Grande Irmão. A esperança estaria neles por significarem uma fatia considerável da população e por viverem em um constante estado de opressão, sendo praticamente impossível conter uma rebelião dessa massa. Estima-se que hoje no Brasil 50 milhões de pessoas, o equivalente a 29,3% da população vivem abaixo da linha de indigência¹⁶. Além disso, de acordo com o personagem Wiston Smith, os proles permaneceram humanos, ainda possuíam sentimentos e podiam demonstrá-los sem que isso chamasse a atenção da teletela e dos ministérios do Partido. No contexto atual, poderia ser encarado como uma crítica à mecanização da sociedade pós-moderna a qual Bauman (1998) se refere como um local onde tudo acontece de forma ágil.

Assim como nas ditaduras de Espanha, Alemanha, Itália, Brasil, Chile, entre outros países, os intelectuais, cientistas e opositores representaram um perigo à estrutura governamental soviética. Alguns dados apontam um número de aproximadamente 15 milhões¹⁷ de mortos durante o período stalinista. George Orwell em sua obra atribui o nome de *vaporização* ao desaparecimento de pessoas. Em regimes totalitários é comum o incentivo do governo para que a população delate pessoas com atitudes suspeitas. Em 1984, não raro alguém era vaporizado, todos os seus vestígios eram apagados e ele era esquecido para sempre. Havia também as prisões e as torturas a que eram submetidos, os sobreviventes jamais se recuperavam. Os ditadores que mataram e torturaram inúmeras pessoas, com certeza, desejariam ter o poder de remeter todas as lutas e obras defendidas por suas presas ao esquecimento, mas como Orwell bem colocou, esses regimes só conseguiram construir e fortalecer mitos. Mesmo assim, os governos ditatoriais tentaram de todas as formas banir a cultura e a ciência, ou utilizá-las apenas para o seu favorecimento. Na obra de Orwell essa preocupação dos ditadores está além da vaporização e violência. É a manipulação da linguagem processo imprescindível para a manutenção do poder. O autor descreve o procedimento da seguinte forma:

¹⁵ Aparelho utilizado para controlar a vida de cada membro do Partido em 1984.

¹⁶ Ver na página: http://www.rebidia.org.br/novida/FGV_MFOME.htm

¹⁷ Ver na página: http://www.geosites.com/Athens/Acropolis/6634/livro_negro.htm

Em Novíngua não existe palavra para “ciência”. O método empírico de raciocínio, no qual se basearam todos os desenvolvimentos científicos passados, se opõe aos princípios fundamentais do Ingsoc. E mesmo o progresso tecnológico só se verifica quando os seus produtos podem ser, de alguma forma, utilizados para limitar a liberdade humana. Em todas as artes úteis o mundo ou está parado ou retrocede. (ORWELL, George, 1983, p. 181).

Por se tratar de uma crítica ao modelo comunista e especificamente ao comunismo soviético não poderiam faltar em *1984* dois personagens: Josef Stalin e Leon Trotsky, que, como visto no capítulo anterior entraram em atrito após a morte de Lênin. Trotsky surge como Emmanuel Goldstein, um dos revolucionários que ajudara a implantar o atual sistema de governo, mas que se tornou um inimigo por razões não esclarecidas, mas bastante óbvias se tivermos em mente o atrito entre Stalin e Trotsky ocorrido por questões de cunho ideológico e político. Stalin defendia um fortalecimento do poder comunista na União Soviética. Enquanto Trotsky acreditava na proliferação socialista em todo o mundo, o que para ele daria respaldo ao regime. Stalin passa a perseguir opositores entre eles Leon Trotsky que é obrigado a deixar a União Soviética. É o que acontece a Emmanuel Goldstein, em *1984* que cai na ilegalidade tendo o paradeiro indefinido, ou pelo menos, não divulgado pelo Partido.

A adoração aos governantes como criaturas semidivinas e que devem ser os detentores de todo o amor de seus súditos é duramente recriminado, pelo escritor. Mas não basta amar o líder, é preciso também odiar o inimigo, o diferente. Isto fica claro com os “dois minutos de ódio”, onde os membros do Partido disparavam sua carga emocional de raiva sobre os inimigos do sistema. Havia também a semana dedicada a exaltar os feitos do Grande Irmão e o ódio ao inimigo – manifestação que lembra as paradas militares dos governos totalitários – onde a população entrava em um clima de profunda histeria, consolidando desta forma a qualidade de espetacular, embora concentrado e atado, tentando disfarçar-se como algo homogêneo. Guy Debord (1997) fala de uma sociedade voltada para a espetacularização de todas as suas ações. Os “dois minutos de ódio” ou as paradas militares realizadas pelos Grandes Irmãos, tenham o nome que tiver, podem ser compreendidos neste fragmento do autor, que afirma que:

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a *negação* visível da vida; como negação da vida que se *tornou visível*. (DEBORD, Guy, 1997, p. 16).

Com isso pode-se dizer que a aparência é a base da sociedade do espetáculo independente de qual espetáculo se está falando, seja ele concentrado, difuso ou a fusão dos dois o integrado¹⁸, sempre estaremos sob os cuidadosos olhos do Grande Irmão.

¹⁸ Conceitos estudados por Guy Debord.

BIG BROTHER BRASIL: O CONTO DE PEDRO BIAL

O *reality show* é um gênero de programa que se diferencia dos demais pela ausência de roteiro. Seu objetivo é trabalhar com o real como o próprio nome diz (show de realidade) e é um produto que visa o entretenimento. Na televisão, a primeira veiculação deste tipo de programa data de 1973, foi lançado nos Estados Unidos e chamava-se *An American Family*, que se acompanhava o cotidiano de uma família. No Brasil, o primeiro reality show foi transmitido em TV fechada, pela MTV em 1992, o *Na Real*, versão brasileira de *The Real World*. Na TV aberta, o precursor do gênero foi *No Limite*, adaptação de *Survivor*, produzido nos Estados Unidos. O programa reunia 12 participantes que não se conheciam e que deviam trabalhar em conjunto sendo divididos em duas equipes de seis pessoas que eram submetidas a uma série de provas de resistência em praias desertas.

Em 1999, vai ao ar na Holanda, pelo canal Verônica o *Big Brother*, reality show desenvolvido pela produtora Endemol, cujo nome é a fusão dos sobrenomes dos sócios Joop Van de Ende e John de Mol. Empresa que havia sido vendida por Van Ende e De Mol ao grupo espanhol Telefónica e que recentemente (14 de maio de 2007) foi negociada junto ao consórcio formado pelo banco estadunidense Goldman Sachs, pela sociedade holandesa Cyrté, com participação de John De Mol e ainda pelo grupo italiano Mediaset com a participação do ex-primeiro-ministro da Itália Silvio Berlusconi pelo valor 2,629 bilhões de euros o equivalente a sete bilhões de reais¹⁹. Segundo De Mol²⁰ o *Big Brother* foi inspirado no Projeto Biosfera 2, que consistia em manter oito cientistas em uma casa de vidro, alheios ao mundo exterior, por um período de dois anos. O programa foi construído no estado do Arizona, Estados Unidos, o objetivo era criar uma miniatura de planeta auto-suficiente, mas por conta de atritos entre os cientistas o projeto fracassou.

Todavia, não há como não relacionar o nome do enlatado televisivo com o do personagem onipresente de George Orwell. De Mol diz ter lido *1984* depois da criação do programa e que achou muito engraçado ter se apropriado do nome do personagem²¹. Apropriação

¹⁹ Ver em: <http://www.estadao.com.br/ultimas/economia/noticias/2007/mai/14/53.htm>

²⁰ Em entrevista concedida à Revista Época de 19 de março de 2002, disponível em <http://epoca.globo.com.edic/20020318/entrevista.htm>

²¹ Ibidem

esta que rendeu uma ação judicial contra a produtora. Martin Roseblum produtor da adaptação cinematográfica de 1984 (1984), processou a Endemol e também a CBS, emissora que transmite o Big Brother nos Estados Unidos²².

Para o criador do Big Brother televisivo o grande objetivo do programa é observar como as pessoas criam seus grupos de afinidades e como aos poucos vão se despidendo das máscaras para assumir sua personalidade real e também em que momento o interesse no jogo deixa de ser em benefício do grupo e passa a ser exclusivamente pessoal.

O professor uruguaio Fernando Andacht estuda reality shows desde que o Big Brother foi exibido pela primeira vez no Uruguai em 2001: o Gran Hermano argentino. Segundo ele este gênero televisivo não deve ser tão criticado e afirma que a televisão não tem programas, tem programação que segue um fluxo contínuo de imagens e sons, onde tudo está inserido sendo algo indivisível, neste todo, está também a publicidade²³. E completa:

Acho que pela primeira vez estamos assistindo à televisão pura (...). O telejornal ainda nos dá a idéia de que a televisão sai pelo mundo, vai longe, vai ao Afeganistão, vai ao Fórum Social Mundial em Porto Alegre falar da antiglobalização. Mas o Big Brother é o velho sonho da televisão é algo produzido pela televisão e para a televisão.
(ANDACHT, Fernando, 2002).

No entender de Fernando Andacht (2002), o reality show é um gênero completo que proporciona tudo que o espectador deseja. Sem sair de casa e sem o esforço que exige a leitura de um livro por exemplo, ele recebe inúmeras imagens sendo constantemente convidado para interagir com aquilo que está assistindo. Essa interação pode ocorrer diretamente através de alguma votação ou indiretamente, quando o telespectador passa a se identificar com algum competidor e a imaginar o que faria se estivesse nas situações que seu escolhido tem de enfrentar. O professor vai ainda mais longe para defender a televisão. Ele afirma que não é mais possível virar a cara para o veículo como muitos intelectuais fizeram, pois através da televisão se pode compreender a sociedade moderna.

Um bom exemplo de modelo fechado de eterna felicidade, onde tudo está ao alcance do indivíduo é o filme “*O show de Truman*” (*The Truman Show*), de 1998 – um ano antes do lançamento de Big Brother –; com direção de Peter Weir. O personagem principal Truman Burbank, vivido pelo ator Jim Carrey, é o centro de um reality show que acompanha sua vida

²² Ver em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp191220013.htm>

²³ Entrevista concedida a Ademar Vargas de Freitas (2002). Disponível em <http://www.ufrgs.br/jornal/abril2002/pag07.html>

desde o seu nascimento. A cidade em que vive é um lugar perfeito, onde todos se dão bem e esbanjam alegria. Truman não sabe que é monitorado 24 horas por dia e sempre é levado a acreditar que vive protegido e feliz onde está. Há também um mercado gigantesco em torno da figura do protagonista, tudo que é consumido por ele é devidamente anunciado pelas pessoas que o rodeiam: seus amigos e sua esposa. O que parecia delírio do roteirista Andrew Niccol, de “*O show de Truman*”, ou de outros autores como Aldous Huxley com *Admirável Mundo Novo* (1931) e George Orwell em *1984* (1949), que construíram em suas obras sociedades controladas por uma série de mecanismos se transforma em realidade – salvo as proporções – um ano após o lançamento de “*O show de Truman*” na Holanda, não tardando em se alastrar pelo mundo.

No Brasil, a chegada de Big Brother não foi algo tão inédito assim. Isso porque o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), se antecipou lançando o programa *Casa dos Artistas*, cuja primeira edição foi exibida de 28 de outubro a 16 de dezembro de 2001. Foram selecionadas 12 pessoas entre modelos fotográficos, cantores e atores sem contrato com nenhuma emissora para participar de um programa inspirado no modelo criado pela Endemol. O SBT chegou a entrar em contato com a produtora holandesa para adquirir os direitos de transmissão do Big Brother, mas a Endemol se interessou mais pela proposta realizada pela Rede Globo²⁴.

O programa de estréia do SBT teve uma média de 33% de audiência contra 25 do dominical da Globo, *Fantástico*. Foi a primeira vez, desde que fora criado em 1973 que o programa perdeu a liderança da audiência aos domingos²⁵. As freqüentes derrotas levaram a emissora carioca a entrar na justiça contra o SBT, alegando que *Casa dos Artistas* era uma cópia do programa que a Globo levaria ao ar no ano seguinte: o *Big Brother*. Três dias após estrear, *Casa dos Artistas* foi suspensa e o SBT foi condenado a pagar uma multa de 200 mil reais por dia caso a sentença não fosse cumprida. A emissora paulista recorreu e o desembargador Marcos Vinícius dos Santos Andrade cassou a liminar alegando que os argumentos da Globo eram insuficientes e que ficaria caracterizado plágio se houvesse a cópia de roteiro do programa o que não é possível por se tratar de um reality show.

Depois do sucesso de audiência que *Casa dos Artistas* manteve durante todo o período em que esteve no ar foi a vez da Globo lançar o *Big Brother Brasil*. Com mais de 500 mil inscritos e critérios não muito claros de seleção, o que levou duas mil pessoas que se inscreveram

²⁴ ALMEIDA, Verônica Eloi de (2003).

²⁵ Ibidem.

no programa a elaborar uma página na Internet denunciando o obscurantismo da seleção²⁶. A primeira temporada do BBB obteve uma média de 49 pontos de audiência em São Paulo²⁷.

Em *As três dimensões da significação do formato Big Brother*, o professor Fernando Andacht faz uma análise semiótica e comparativa dos programas Big Brother Brasil e do Gran Hermano exibido no Uruguai (o mesmo da Argentina). Em entrevista ao jornal da Universidade do Rio Grande do Sul, o professor diz que:

O Gran Hermano está para o Big Brother Brasil mais ou menos como o tango está para a MPB. Na Argentina é muito mais lacrimoso, um melodrama no sentido vulgar. Aqui é mais dentro do estereótipo que nós, dos países do Prata, fazemos do povo brasileiro: mais alegre, mais físico.
(ANDACHT, Fernando, 2002).

Coincidentemente nesta sétima edição do BBB (2007), houve um intercâmbio que durou cinco dias entre os participantes da edição brasileira e argentina²⁸. De acordo com De Mol (2002), o Big Brother já foi adaptado para cerca de 25 países e em nenhum, segundo ele, obteve baixa audiência. Em cada país em que é transmitido o programa busca se enquadrar ao máximo com o tipo de cultura local. A casa montada no Brasil é a que mais valoriza o espaço externo e a área da piscina o que pode ser compreendido se analisado o perfil dos participantes do programa que seguem, salvo raras exceções, um mesmo estereótipo: homens malhados e mulheres com corpos bem definidos. A média de idade do programa é de 26,2 anos. A edição com maior média foi a primeira realizada com 12 participantes (28,6 anos), já a de menor idade foi a quinta edição com média de 25 anos, tendo um número de 14 participantes. A última edição (2007), contou com 16 participantes cuja média ficou em 25,3 anos (nenhum dos participantes desta edição ultrapassava os 30 anos).

Para John De Mol (2002), o sucesso do programa se deve a proximidade do mesmo com as pessoas. De acordo com ele o público que assiste o Big Brother está freqüentemente se perguntado que atitudes tomaria nas mais variadas situações as quais os participantes são submetidos. Afirmar ainda que as pessoas de um modo geral gostam de ficção no caso específico de novelas, mas que o que as prende no Big Brother é o fato de saber que o que acontece na casa é a realidade: as brigas, os choros, as festas, os namoros etc. Esta “realidade” de que fala De Mol

²⁶ ALMEIDA, Verônica Eloi de (2003).

²⁷ Ver em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u56708.shtml>

²⁸ O participante Pablo Espósito participou da edição brasileira sendo indicado através de votação realizada pelo público argentino, enquanto que no Brasil, a escolhida para integrar o Gran Hermano foi Irislene Stefanelli, também por meio de votação.

pode até ser questionada, uma vez que o programa passa por um amplo processo de edição, que pode vir a favorecer algum participante, mas antes disso, há o público cativo da atração. Cada pessoa escolhe um competidor embasada em uma série de questões que a levam a torcer por um e não outro participante. Quesitos como tipo físico que mais lhe atrai, humor, situação financeira, localidade onde reside o candidato ou algo neste candidato que se assemelhe com suas vivências contam na hora de escolher o jogador preferido.

É pensando nesta série de questões que o professor Fernando Andacht (2003), compara o processo eleitoral ao reality show. O mecanismo de escolha do público durante a campanha eleitoral é basicamente o mesmo da escolha do participante que deve vencer o programa. Os motivos acima descritos se encaixam perfeitamente ao processo eleitoral. Andacht, diz ainda que o participante-candidato vencedor é na verdade um “grande expressor”, pois é aquele que consegue transmitir suas idéias de maneira autêntica cativando o público. Pode-se aliar a isto, o pensamento de Zygmunt Bauman, que em *O mal-estar da pós modernidade* (1998), discorre sobre o papel dos “estranhos” na sociedade. Dentro do Big Brother pode se dizer que o “estranho” é aquele que de certa forma não corresponde aos interesses do grupo ou é um forte oponente que precisa ser eliminado do jogo. O autor diz:

No mundo pós-moderno de estilos e padrões de vida livremente concorrentes, há ainda um severo teste de pureza que se requer seja transposto por todo aquele que solicite ser ali admitido: tem de mostrar-se capaz de ser seduzido pela infinita possibilidade e constante renovação promovida pelo mercado consumidor, de regozijar com a sorte de vestir e despir identidades, de passar a vida na caça interminável de cada vez mais sensações e cada vez mais inebriante experiência. Nem todos podem passar nessa prova. Aqueles que não podem são a “sujeira” da pureza pós-moderna.
(BAUMAN, Zygmunt. 1998, p.23)

É possível utilizar este fragmento para refletir sobre o sistema do programa. Vestir e despir identidades é algo que os participantes fazem com frequência de acordo com seus interesses e com sua visão do jogo. O mercado consumidor de que Bauman fala pode ser explicado através das votações e número de rejeição ou aceitação de cada candidato. As ligações efetuadas pelos espectadores para eliminar os participantes não são gratuitas. Em 2006, José Neumani Pinto da rádio Jovem Pan, resolveu calcular quanto o povo brasileiro gastava em média a cada paredão. Ele multiplicou o valor das ligações (trinta centavos sem os impostos) por 29

milhões e chegou ao número de 8.700.000,00 milhões de reais.²⁹ Para não falar nos produtos licenciados com a marca do programa e do pay-per-view, pacote especial oferecido pelas operadoras de televisão a cabo Net e Sky, que possibilita ao assinante acompanhar a atração 24 horas por dia. Grandes empresas também faturam alto com a exibição de Big Brother. A sétima edição inovou com um game-show apresentado por Cissa Guimarães, onde os participantes precisavam adivinhar o valor dos produtos comercializados na rede de lojas Ponto Frio, fato que rendeu à rede ultrapassar a marca Fiat em retenção de merchandising espontâneo. O Ponto Frio registrou 42% de retenção enquanto que a Fiat marca que mais se destacava nas edições anteriores, ficou com 20%.³⁰ Além disso, existem os contratos assinados pelos participantes para desfiles e publicidade. Os que não passam na prova como diz Zygmunt Bauman (1998), são os eliminados do jogo e posteriormente, quando o sucesso efêmero se dilui são também excluídos da máquina do mercado consumidor. Debord (1997), afirma que “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem”, o que significa dizer que modelo capitalista necessita de visibilidade o que acarreta uma superexposição de imagens de produtos e de suas idéias que precisam ser vendidas.

O mesmo Debord (1997), fala da sociedade em três momentos. O primeiro, abordado no capítulo anterior seria a do “espetacular concentrado” utilizado nos regimes monárquicos e totalitários. O segundo seria o “espetacular difuso”, onde não existe mais o papel do déspota que comanda a sociedade sob um único pensamento que deve ser o pensamento de todos. No espetacular difuso as idéias são inúmeras, mas a finalidade é a mesma que a do momento anterior: defender o interesse de alguém. Não questionar, não fazer reflexões receber idéias prontas sem saber de onde elas vêm e que tipo de negócios elas protegem, faz parte deste modelo de espetacular difundido. Hoje, com o sistema “democrático” implantado em grande parte dos países do mundo se acredita que o “Grande Irmão” é algo obsoleto e inaceitável. No entanto, o terceiro momento o “espetacular integrado” revela que o modelo concentrado continua vivo e impregnado na sociedade atual.

²⁹ Texto na íntegra em:

<http://forum.imasters.com.br/index.php?s=3de5670b5bb22b9827e260bc2ee56b17&showtopic=169177&pid=528683&st=0&#entry528683>

³⁰ Ver em http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=450

Refletindo sobre os acontecimentos da “casa mais vigiada do Brasil”³¹, uma coisa pode ser considerada verdadeira sobre o reality show como afirma Andacht (2003): a ausência do roteiro. Para ele, seria praticamente impossível elaborar um programa como o *Big Brother* utilizando um roteiro com diálogos e ações pré-estabelecidas, pois acredita-se que os participantes escolhidos sejam pessoas sem formação cênica não tendo portanto, aptidão para interpretar naturalmente.

Todavia, com relação à uma possível manipulação no programa, alguns especialistas afirmam que ela existe sim. Para a coordenadora do Núcleo de Telenovelas da USP, Maria de Lourdes Motter, o trabalho realizado pela produção do reality show é visível e voltado para a obtenção de audiência. Segundo ela, o processo de edição utilizado auxilia a fluência da narrativa que se desenvolve de forma semelhante às telenovelas. Os personagens são criados e a partir do enredo desenvolvido eles se fortalecem ou são colocados em segundo plano, seguindo a divisão clássica da dramaturgia televisiva: mocinho e bandido³².

O *Big Brother 7* confirmou tal divisão. Alberto Pimentel, o “caubói” era considerado o grande vilão do programa sempre perseguindo o “triângulo do bem” formado por Fani Pacheco, Irislene Stefanelli e Diego Gasques (Alemão). Quando foi ao “paredão” – termo utilizado no programa para designar a disputa entre participantes que se confrontam diretamente nas votações para permanecer no jogo – enfrentando Analý Rosa, Alberto percebeu o quanto sua imagem de vilão estava fortalecida fora da casa. Com 55 milhões e 300 mil votos e com um percentual de 85% ele foi eliminado da disputada pelo prêmio de 1 milhão de reais. Na final do programa transmitida no dia três de abril de 2007, foi a vez de Diego se consolidar como mocinho. Com uma aprovação de 91% dos votos, o paulista de São Bernardo dos Campos se tornou não apenas o vencedor da sétima edição como também o participante de maior aprovação popular da história do programa no Brasil.

É importante destacar também a audiência e as suspeitas de manipulação da sétima edição do programa. De acordo com artigo da *Folha Online*, de nove de janeiro de 2007, a estréia do programa registrou a terceira menor audiência da história do reality show no Brasil, ficando com 42 pontos³³. Porém, segundo pesquisa publicada no jornal *Diário Catarinense* de seis de

³¹ Frase que virou slogan do programa Big Brother transmitido pela Rede Globo.

³² Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u49227.shtml>

³³ Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67448.shtml>

maio de 2007, o programa mais assistido na Grande Florianópolis no período de dois a oito de abril foi o *Big Brother* alcançando 43% de audiência total e 83% de share. O segundo colocado obteve 29% de audiência total e 75% de share.

Sobre a polêmica falta de clareza na seleção dos candidatos, a última edição bateu todas as outras. Antes mesmo de começar uma candidata fora eliminada. Iris Sharon Yumiko Ouchi (Yumi) foi substituída porque segundo a Rede Globo, a modelo possuía contrato vigente com o SBT. Yumi foi substituída por Flávia Viana, que já havia trabalhado no humorístico “*A Praça é Nossa*” também do SBT, também com João Kleber na Redetv e ainda como bailarina do programa “*O Melhor do Brasil*” da Rede Record. O primeiro dia na casa marcou a eliminação de mais um candidato. Fernando Orozco teve que deixar o jogo por ser amigo de um filho de diretor da Rede Globo. O critério adotado para eliminar estes dois não serviu para todos os participantes uma vez que, Liane Fernanda de Souza, já havia participado da trama adolescente “*Malhação*”, exibida pela própria Globo e ainda do concurso realizado pela emissora para escolher a nova dançarina do grupo de axé “*É o Tchan*”. Outra coincidência é Analy Rosa, que havia trabalhado como hostess no restaurante do apresentador Luciano Huck³⁴. Além disso, Diego Gasques revelou em uma conversa que não havia se inscrito para o programa, sendo convidado pela produção de *Big Brother*. Fãs ameaçaram boicotar a atração pois, desconfiavam de uma possível falta de credibilidade das provas realizadas. Houve blefe por de parte de alguns participantes, e a emissora chegou a reverter resultados como no caso de Airton Cabral quando a direção do programa voltou atrás e lhe tirou a imunidade conquistada em uma prova dando-a para Fani Pacheco que ficara em segundo lugar.

Um ponto muito importante na construção e andamento do programa é a figura do apresentador Pedro Bial. Ele comanda a atração de forma semelhante a dos síndicos – sobre os quais Michel Foucault fala em *Vigiar e Punir* (1977) – no século XVIII, quando o estado de peste era decretado em alguma cidade. Os moradores eram impedidos de sair de suas casas e para evitar que as pessoas infectadas ou mortas fossem escondidas, era realizada uma chamada diária. Cada um era obrigado a comparecer à janela e responder a esta chamada realizada pelo síndico responsável rua. Ao aparecer no telão da sala diante dos jogadores, o apresentador chama cada um por seu nome e lhe pergunta sobre acontecimentos ocorridos na casa durante a semana, faz brincadeiras e consola os candidatos a milionários. Bial também não economiza em discursos

³⁴ Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67393.shtml>

eloqüentes ao se dirigir aos seus “heróis”³⁵. Exemplo disso foi a fala utilizada pelo apresentador no dia seis de março de 2007 quando se referiu ao programa criado pela Endemol com uma instituição de início de ano³⁶. Pedro Bial personifica o pensamento de Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* quando o autor diz:

(...)No espetáculo, uma parte do mundo *se representa* diante do mundo que lhe é superior. O espetáculo nada mais é que a linguagem comum dessa separação. O que liga os espectadores é apenas uma ligação irreversível com o próprio centro que os mantém isolados. O espetáculo reúne o separado, mas o reúne *como separado*. (DEBORD, Guy, 1997, p. 23).

O apresentador é quem exerce a função de elo entre o público e os moradores da casa monitorada. Por sua vez, os participantes do reality show fazem o papel de representação diante do mundo, que neste caso não demonstra de fato uma superioridade, pois observa com avidez tudo o que ocorre na atração, seria muito mais uma representação diante de um espelho. O apresentador fortalece a crença do público de que é parte atuante em tudo que acontece no jogo, que é através de suas escolhas que as coisas se encaminham na competição, o público, no entanto, permanece separado cada qual com sua crença e com seu personagem preferido nesta trama, onde todos ouvem com extrema atenção tudo o que diz o narrador e guia Pedro Bial.

³⁵ Adjetivo utilizado pelo apresentador Pedro Bial para denominar os participantes do Big Brother.

³⁶ Frase utilizada pelo apresentador no dia 06/03/2007 durante “paredão” entre Flávia Viana e Diego Gasques. Disponível em: <http://flavinhablog.moblog.vivo.com.br/v1/moblog.aspx>

Capítulo IV

O QUE SOBROU DO CARRASCO?

O “espetacular integrado” que segundo Guy Debord (1997), é a junção do “espetacular concentrado” e do “espetacular difuso” pode ser compreendido dentro do contexto deste trabalho como a fusão entre o Grande Irmão de George Orwell (1949) e o enlatado televisivo criado na Holanda. Do “espetacular concentrado” vem a vigilância permanente e o controle das ações do indivíduo, o que no reality show auxilia o público a escolher quem deve permanecer no jogo e aqueles que terão de abandonar a disputa. Do “espetacular difuso” vem a idéia de que o ser humano é livre para tomar decisões e agir de acordo com sua própria vontade quando no entanto, faz parte de um complexo mecanismo armado para sustentar e defender interesses alheios. O interesse defendido pelo Big Brother da televisão é o interesse de sua produtora Endemol, o da Rede Globo, o das empresas que durante a primeira edição pagaram o equivalente a R\$ 4,8 milhões³⁷ para terem suas marcas vinculadas ao programa e também o da operadora de telefonia 0300 que “permite” que os espectadores possam dar seu veredicto sobre provas e eliminações. Este interesse a ser preservado é a acumulação e a manutenção da máquina do lucro. Debord (1997, p. 11) afirma que: “A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular”. Para ele, o lucro é o vetor que mantém o motor espetacular.

Visando a acumulação de capital John de Mol e Joop Van de Ende investiram na produção de um programa onde pessoas se inscrevem para adentrar em uma atmosfera darwiniana³⁸ onde se submetem a uma superexposição, habitando uma luxuosa casa monitorada por dezenas de câmeras e microfones. Diferente da sociedade imaginada por George Orwell em 1984, onde o indivíduo era monitorado diariamente contra a vontade e precisava ficar atento quanto à presença de microfones escondidos. Em 1984, ser vigiado não significa ficar conhecido e receber uma alta quantia em dinheiro. Significa ser privado do direito de governar a própria vida.

George Orwell batizou o aparelho responsável por vigiar a população de “teletela”. Todo cidadão, exceto os “proles”, eram obrigados a possuir os aparelhos em suas casas. Apenas

³⁷ Ver em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp170420029.htm>

³⁸ Charles Darwin (1809-1882) formulou a Teoria da Evolução das espécies onde os indivíduos que melhor se adaptam sobrevivem.

alguns membros do Partido Interno conseguiam desligar a teletela e ainda assim somente por alguns minutos. Os locais de trabalho também eram vigiados. Se em algum momento e em qualquer lugar o sujeito desperta a atenção por conta de alguma atitude suspeita ou condenável – como quando Winston Smith não se esforça ao realizar o exercício físico obrigatório – o aparelho emite uma reprovação verbal direta ao transgressor. Atitude semelhante no Big Brother Brasil ocorre quando o apresentador do programa, o jornalista Pedro Bial, questiona ou até mesmo reprime determinadas ações dos participantes assim como fez ao chamar a atenção dos competidores da sétima edição por falarem muitos palavrões dentro da casa³⁹. Sobre os palavrões dentro do reality show, o professor uruguaio Fernando Andacht (2003), comenta o efeito sonoro utilizado na tentativa de amenizar o que fora dito. Segundo ele, o sinal utilizado para esconder a palavra acaba por enfatizar aquilo que se queria esconder. Há também, os olhos do Grande Irmão espalhados em cartazes por toda a cidade. Os olhos que se ocupam de “zelar” pelo bem-estar dos cidadãos. Winston Smith, de *1984*, se sentia profundamente perturbado com a vigilância permanente das teletelas e do Grande Irmão. Vigilância que leva a negação do indivíduo. George Orwell, cria no personagem de *1984* uma forma de resistência ao cerceamento que os regimes totalitários visavam implantar. É uma forma de mostrar que nem todos os cidadãos se conformam com a política implantada. Em um trecho ele observa:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas porém nítidas, liam-se as mesmas frases; do outro lado a cabeça do Grande Irmão. Até do dinheiro aqueles olhos o perseguiam. Moedas, selos, capas de livros, faixas, cartazes, maços de cigarro – em toda parte. Sempre os olhos fitando o indivíduo, a voz a envolvê-lo. Adormecido ou desperto, trabalhando ou comendo, dentro e fora de casa, no banheiro ou na cama – não havia fuga. Nada pertencia ao indivíduo com exceção de alguns centímetros cúbicos dentro do crânio.
(ORWELL, George, 1983, p. 29).

Na transfiguração sofrida pelo Grande Irmão, esta vigilância se apresenta na forma dos aparatos utilizados pelo programa para monitorar os participantes do jogo. O reality show possui uma dezena de câmeras espalhadas em todos os locais da casa, incluindo o banheiro. A relação entre os “olhos vigilantes” do Grande Irmão é personificada pelo símbolo do programa, presente na abertura: o olho de um robô que se transforma na lente de uma câmera.

A “voz metálica” que ressoa da teletela transmitindo dados de ações do governo, músicas, afazeres e por vezes chamando a atenção dos habitantes do megabloco da Oceania pode

³⁹ Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/zapping/ult3954u171.shtml>

ser comparada à voz de Pedro Bial, que repassa as tarefas que os moradores precisam realizar dentro da grande gincana televisionada. Cabe ao apresentador também, anunciar o veredicto do público a respeito das votações que decidem aqueles que devem abandonar a disputa.

Ao atribuir à sociedade atual a qualidade de “espetacular” Debord (1997) reflete acerca da forma de representar a realidade utilizada pelos cidadãos. Para ele, ao adentrar na era de novas tecnologias e de produção acelerada, o homem passou a representar tudo o que era “vivido diretamente” absorvendo gestos, linguagens e olhares que não são os seus, mas de outros indivíduos, seguindo em uma eterna reprodução. Para os personagens de George Orwell – Winston Smith, Júlia e O’ Brien – representar era uma necessidade. O’ Brien dissimula um possível descontentamento com o governo que serve de ímã para captar “traidores” como Winston e Júlia que precisavam enganar as teletelas e todos os mecanismos utilizados para o controle dos cidadãos. Winston ao refletir sobre suas ações relata que enganar a teletela se tornara algo fácil, pior era a batalha travada contra o próprio organismo, como conseguir controlar a pulsação. De acordo com Fernando Andacht (2003), o Big Brother Brasil utiliza um indício icônico capaz de provar a frustração de Winston e revelar a luta entre indivíduo e organismo. Trata-se do controle de batimentos cardíacos dos participantes que se enfrentam no “paredão”. O quadro com a pulsação de cada um é mostrado em destaque na transmissão das terças-feiras (dia em que acontece a eliminação). Deste modo, não é possível disfarçar a calma que Winston tentava aparentar diante da teletela em 1984. Andacht complementa dizendo que o diálogo entre o apresentador e o candidato se desenvolve de modo a fazer com que os batimentos se alterem e o público possa observar o nervosismo de cada um.

Paredão, aliás, é mais uma apropriação do reality show. Este termo utilizado no programa para designar a disputa entre dois participantes – um deles deixará o jogo – causa terror naqueles que conhecem sua verdadeira origem, proveniente dos regimes totalitários que fuzilavam nos “paredões” os opositores do governo. O escritor George Orwell vai além em 1984. A pessoa que de alguma forma se torna indesejável no romance de Orwell é vaporizada e se torna uma *impessoa*, ou seja, some e todos os vestígios de sua existência são apagados. Os participantes do Big Brother Brasil que são eliminados ao contrário: saem da casa e se transformam em celebridades instantâneas. No entanto, passada toda a agitação em torno do programa os competidores retornam ao anonimato, salvo raras exceções como Sabrina Sato

participante da terceira edição e que passou a integrar o programa *Pânico* da rede Jovem Pan de rádio e da Rede TV de televisão.

Quando o reality show foi exibido pela primeira vez no Brasil em 2002, o prêmio era de 500 mil reais. Dobrou o seu valor na quinta edição. Os participantes que se inscrevem no programa⁴⁰ além da alta premiação vão atrás das consequências que a superexposição na mais abrangente rede de televisão do país⁴¹ proporciona, como contratos com a própria emissora ou diversas marcas interessadas na popularidade de alguns competidores. Em 1984, Orwell faz uma crítica à Loteria. Segundo ele, os altos valores oferecidos inebriam boa parte da população. Ao se referir à agitação dos “proles” em relação à premiação. Ele diz:

A loteria com seus enormes prêmio semanais, era o acontecimento público a que os proles davam a maior atenção. Era provável que houvesse milhões de proles para quem a Loteria era o principal, se não o único, motivo de continuar a viver. Era o seu deleite, sua loucura, seu anódino, seu estimulante intelectual. Quando se tratava de Loteria, até a gente que mal sabia ler e escrever fazia intrincados cálculos e fantásticas proezas de memória.
(ORWELL, George, 1983, p. 83).

O personagem principal de 1984, Winston Smith, se ocupava de reescrever artigos que no momento em que caíam sobre sua mesa passavam a ser considerados errados pelo Partido. Era preciso reescrever a história sob a ótica daquilo que ocorria no momento. A verdade daquele instante deveria ser a verdade do sempre. Segundo Orwell (1983, p. 146) “nada existe, exceto um presente sem-fim no qual o Partido tem sempre razão”. Os artigos antigos que podiam revelar a falsificação eram prontamente destruídos, deste modo, nem mesmo os “falsificadores” poderiam provar a alteração. Cabia a uma série de funcionários retificar as informações que passariam a ser divulgadas pelo governo e desta forma, se tornavam incontestáveis até que algo ocorresse levando a uma nova edição. Foi o que ocorreu quando a Oceania mudou subitamente de alvo. A guerra antes travada com a Eurásia passou a ser disputada contra a Lestásia. A função de Winston e dos outros funcionários do Ministério da Verdade⁴² era a de fazer com que todas as publicações anteriores trouxessem em suas páginas que a disputa sempre fora contra a Lestásia. O processo de edição utilizado no reality show não chega a alterar o passado ou coisas que acontecessem dentro

⁴⁰ A última edição recebeu 50 mil inscrições. Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67047.shtml>

⁴¹ De acordo com o site da emissora (<http://rede Globo3.globo.com/institucional/>) a Globo área de abrangência é de 99,84% no território nacional.

⁴² Órgão responsável retificar os artigos e livros.

do programa, porém são fundamentais no julgamento do público que não tem acesso ao que ocorre na casa 24 horas por dia como os assinantes do pacote de TV a cabo. Os editores têm a função de escolher aquilo que consideram relevante para o andamento do programa. A editora-chefe do programa Fernanda Scalzo⁴³ revela que em um primeiro momento existe a preocupação de mostrar um pouco de cada participante, além de pessoas que começam a estabelecer laços de amizade, ou então, cenas engraçadas. A partir disso, cria-se um fio narrativo para o programa que passa, mesmo que involuntariamente, a favorecer ou desfavorecer algum participante. O percentual recorde de aprovação do vencedor desta sétima edição leva a crer, uma edição favorável a Diego Gasques, ganhador da sétima edição.

1984 possui uma atmosfera pesada onde o indivíduo sempre é levado a acreditar que a vigilância constante o protege dos inimigos externos que a cada instante mudam de nome. O mito do Grande Irmão – uma vez que apenas os conhecem pelas fotografias espalhadas pelo megabloco seja em cartazes ou nos produtos comercializados – serve para limitar as ações de cada um. Não existem regras expressas proibindo algumas atitudes como, não freqüentar os subúrbios ou andar desacompanhado, mas todos sabem o que pode acontecer se forem apanhados⁴⁴. A ausência de tais normas é uma característica da sociedade de controle como já fora mencionado. O indivíduo assimila as proibições e as permissões não sendo necessária a construção de um panóptico para regular as ações de cada um. No entanto, em 1984 existem as teletelas e o temor ao Grande Irmão. Transportado para o gênero televisivo, a figura mitológica do Grande Irmão passa a ser o público da atração, que é quem julga e determina o que é bom e o que é ruim para o programa.

Porém, se o *Big Brother Brasil* é aquilo que se pode chamar de “espetacular integrado” o público não é o grande carrasco que pune os participantes que são eliminados. Ele apenas acredita que é parte integrante deste complexo sistema de interesses. Lucrativos interesses, uma vez que a produção onde ocorrera a grande mutação fora vendida pelo valor de sete bilhões de reais e também sobre a relutância da Rede Globo em divulgar o valor arrecadado com a atração, mas uma vez que o contrato foi renovado e se estenderá até 2011⁴⁵, segundo afirma o diretor do programa, J. B. De Oliveira, o Boninho, o *Big Brother Brasil* deve render uma alta quantia à emissora. Confirmando Debord (1997), o espetáculo realizado em torno de Big Brother,

⁴³ Ver em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2557,1.shl>

⁴⁴ Aqueles que eram apanhados podiam ser vaporizados ou presos.

⁴⁵ Ver em: <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2006/12/18/287108246.asp>

não visa chegar a lugar algum que não o lucro das empresas que nele investem e que o transmitem. E o Grande Irmão de outrora se apresenta agora, se visualizado a uma certa distância, como o público cativo da atração que exerce o papel de escolher aqueles que ficam na disputa, mas ao se aproximar da desfigurada criatura se percebe que o tirano permanece ali e está cada vez mais ávido de poder.

CONCLUSÃO

Meu principal objetivo nesta monografia foi mostrar o trajeto percorrido pelo personagem criado por George Orwell no ano de 1948. Uma pequena retrospectiva histórica se fez necessária para a compreensão de todo o contexto de *1984* (1983), quando o surge o Grande Irmão.

Depois de *1984* muitas pessoas utilizaram frases como “fora Big Brother” para expressar o descontentamento com o controle sobre as individualidades, controle, este que já não era aceito em um mundo de maioria democrática.

O ano de 1999 foi marcado pelos presságios de fim de mundo. Os jovens de então, se interessavam cada vez menos por livros como *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (1931) e *1984* (1948) de George Orwell, pois não viam o futuro em um ano que já passou. O Grande Irmão foi sendo aos poucos remetido ao esquecimento. Todavia, se 1999 chegou ao seu final sem maiores problemas deixou em sua passagem o renascimento do Grande Irmão. Não diretamente ligado à forma imagina por Orwell, que em um primeiro momento pode parecer apenas um inofensivo programa de TV, onde pessoas precisam ser vigiadas 24 horas por dia para alcançar o prêmio destinado ao vencedor.

Quando o programa chegou ao Brasil em 2002, o torpor populacional atingido pela forte publicidade promovida pela emissora que o transmitiria fez com que muitos não conseguissem ouvir os críticos e leitores de Orwell, que alertavam sobre tal criatura.

Desde a primeira veiculação no país até a sétima – que foi onde realizei a análise – o programa passou por algumas modificações, como o valor da premiação, número de integrantes da casa, a criação de novos espaços onde os telespectadores pudessem votar e também de cenário. Porém, a fórmula é sempre a mesma e seus desdobramentos também. Os veículos de comunicação passam a se pautar em cima de tudo o que ocorre no programa, alguns chegam a direcionar toda sua programação ao reality show. Outra coisa que foi possível observar no Big Brother Brasil foi a divisão dos participantes entre mocinhos e bandidos, fórmula amplamente utilizada pela telenovela e que se transporta para o show de realidade, que se parece muito mais com uma continuação da novela das oito.

Especialistas em teledramaturgia apontam estas semelhanças e afirmam que este tipo de narrativa prende o público que se torna cativo e curioso em saber o que vai acontecer no dia seguinte. A edição utilizada no programa é uma forte ferramenta. Muitas coisas acontecem em 24 horas, embora os participantes sejam privados de uma série de coisas, como telefone e Internet, ainda assim, desenvolvem um certo número de atividades e diálogos, coisas que uma fatia considerável do público que assiste ao programa pela TV aberta não têm acesso.

A equipe de edição possui seus critérios de seleção, que podem variar entre os pessoais e os condizentes com a linha editorial da empresa para qual trabalham. Ao escolher um determinado trecho em detrimento de outro, os editores já passam a interferir naquilo que o público final receberá e de que forma receberá: se o telespectador verá o candidato como vilão ou como mocinho.

O processo de edição se mostra o principal mantenedor deste programa. Primeiro por apresentar uma fórmula igual aquela de que o brasileiro em geral tanto gosta: a da telenovela e depois por apresentar aquilo que interessa ser mostrado. Sendo assim, se pode dizer que os controladores de realidade do *Ministério da Verdade* de 1984 se configuram nos editores do Big Brother Brasil e o Grande Irmão, que poderia ser compreendido num primeiro momento como os telespectadores do programa que observam e decidem sobre os rumos de cada participante, estaria mais para o grande controle exercido de dentro da casa para fora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Eloí de. “Os ‘reality shows’ e o respeitável público da vida privada”. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade do Rio de Janeiro, 2003.

ANDACHT, Fernando. “Uma aproximação analítica do formato televisivo do Reality Show Big Brother”. São Leopoldo: Universidade do Vale dos Sinos, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. “O mal-estar da pós-modernidade”. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1998.

BORDIEU, Pierre. “Sobre a televisão”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DEBORD, Guy. “A sociedade do espetáculo”. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Wilson Roberto V. “O caos semiótico: comunicação no final do milênio, ensaios de crítica da comunicação”. São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. “Vigiar e Punir”. Petrópolis: Vozes, 1977.

HOHLFELDT, Antonio. “Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação”. Petrópolis: Vozes, 2001.

LABARTHE-Lacoue, Philipe; NANCY, Jean-Luc “O mito nazista”. São Paulo: Iluminuras, 2002

ORWELL, George. “1984”. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

VERISSIMO, Erico. “O senhor embaixador”. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. “A segunda guerra mundial 1931-45”. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

WOOD, Alan. “As origens da revolução russa”: de 1861-1917. São Paulo: Ática, 1991.

Periódicos e jornais

ASH, Garton. “A permanência de George Orwell”. Folha de São Paulo, 08 de julho de 2001. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/14/2001070801.html>.

Audiência da primeira edição do Big Brother Brasil. Folha Online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u56708.shtml>.

“‘BBB-7’ recebe 50 mil inscrições, mas escolhe só 16 participantes”. Folha Online, 17 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67047.shtml>.

CASTRO, Daniel. “Globo reduz preço de patrocínios de ‘BBB’”. Observatório da Imprensa, 08 de abril de 2002. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp170420029.htm>.

CIMINO, James. “‘BBB7’ tem a terceira menor audiência da história do programa”. Folha Online, 09 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67448.shtml>

COSTA, Rogério da. “São Paulo em Perspectiva: Sociedade de controle”. São Paulo. Junho/Março 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100019. Acesso em 05 de maio de 2007.

DELEUZE, Gilles. “Conversações”. 1972-1990. Fragmento disponível em <http://netart.incubadora.fapesp.esp.br/portal/midias/controle.pdf>. Acesso em 30 de março de 2007.

FELDMAN, Ilana. “A fabricação do ‘Big Brother’”. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2557,1.shl>.

FRANZOIA, Ana Paula. “Curiosidade Real”. Revista Época, edição de 18 de março de 2002. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/20020318/entrevista.htm>. Acesso em 10 de maio de 2007.

FREITAS, Ademar Vargas de. “*Big Brother* é um marco mundial na programação de TV”. Entrevista com o professor Fernando Andacht. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/jornal/abril2002/pag07.html>.

“Fundação Getulio Vargas divulga pesquisa Mapa do Fim da Fome”. Disponível em: http://www.rebidia.org.br/novida/FGV_MFOME.htm. Acesso em 10 de maio de 2007.

“Livro Revela as faces do terror vermelho”. Disponível em: http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/6634/livro_negro.htm.

“Participante que fez ‘Malhação’ é outra ‘coincidência’ do ‘BBB7’”. Folha Online, 06 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67393.shtml>

“Pedro Bial reclama no ar dos palavrões dos BBBs”. Folha de São Paulo, 03 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/zapping/ult3954u171.shtml>.

PINTO, José Neumani. “Constatação”. Disponível em: <http://forum.imasters.com.br/index.php?s=3de5670b5bb22b9827e260bc2ee56b17&showtopic=169177&pid=528683&st=0&#entry528683>. Acesso em 10 de maio de 2007.

“Ponto Frio supera os índices históricos de Fiat e obtém o recorde de retenção em merchandising do BBB 7”. Data Folha, 08 de maio de 2007. Disponível em: http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=450.

“Reality show vira novela da vida real”. Folha Online, 08 de fevereiro de 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u49227.shtml>

SERVA, Leão. “‘Big Brother’ é acusado de plágio nos EUA e na Europa, enquanto no Brasil a Globo processa SBT”. Observatório da Imprensa, 10 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp191220013.htm>.

Site de onde foi retirada parte do discurso do apresentador Pedro Bial durante o programa de 06/03/2007. <http://flavinhablog.moblog.vivo.com.br/v1/moblog.aspx>.

Site Oficial da emissora: <http://redeglobo3.globo.com/institucional/>.

Site oficial do programa: bbb.globo.com/.

“Telefónica vende Endemol à consócio por 7 bilhões”. Disponível em:
<http://www.estadao.com.br/ultimas/economia/noticias/2007/mai/14/53.htm>. Acesso em 16 de maio de 2007.